

Modelos de Sociedade Contemporânea: do Controle ao Capitalismo de Vigilância e a sociedade em rede

Models of Contemporary Society: From Control to Surveillance Capitalism and the Network Society

Bárbara dos Reis Beserra¹

RESUMO

A autora traz uma análise de uma trajetória da sociedade dentro do contexto das novas tecnologias, exposição exacerbada a propagandas e a telas (principalmente smartphones) e toda a trajetória desde a revolução industrial, compreendendo como a sociedade mudou por conta das novas tecnologias e quais foram os efeitos que este novo formato trouxe para a sociedade. A compreensão da sociedade de controle com a transição para o ambiente digital. A análise do termo Big Others por Shoshana Zuboff e uma comparação entre este conceito com o que é a releitura de uma mais-valia, por Karl Marx. Até chegar, por fim, na leitura do efeito desta sociedade, no neoliberalismo e no termo 'sociedade do cansaço' e como podemos enfrentar os efeitos desta sociedade acelerada. Este artigo foi desenvolvido por meio do método teórico-analítico, contendo pesquisas bibliográficas com abordagens qualitativas abordando o cenário no contexto brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Sociedade do Controle; Alienação; Big Others; capitalismo de vigilância; sociedade do cansaço.

ABSTRACT

The author provides an analysis of society's trajectory within the context of new technologies, exacerbated exposure to advertisements and screens (mainly smartphones), and the entire journey since the Industrial Revolution, understanding how society has changed due to new technologies and the effects this new format has brought to it. It explores the understanding of the control society and its transition to the digital environment. Furthermore, it analyzes Shoshana Zuboff's concept of "Big Other" and compares it to a reinterpretation of Karl Marx's surplus value. Finally, it arrives at an interpretation of the effects of this society under neoliberalism and the term "burnout society" (*sociedade do cansaço*), exploring how we can face the effects of this accelerated society. This article was developed using a theoretical-analytical method, utilizing bibliographic research with qualitative approaches addressing the contemporary Brazilian scenario.

Keywords: Control Society; Alienation; Big Other; Surveillance Capitalism; Burnout Society.

¹ ¹ Pesquisadora em Educação, Arte, tecnologia e Comunicação na Filosofia como bolsista pela CNPq; Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal Estadual do Rio de Janeiro; Bacharel em Cinema e Audiovisual pela UNESA; Formação tecnológica em Design Gráfico pela UNESA; Coordenadora de Núcleo no projeto 'BORA PRA ESCOLA' para a Secretaria Municipal de Educação em parceria com a UNESCO; Trabalhou por três anos como assessora de comunicação para a Secretaria municipal de Cultura do Rio de Janeiro; Possui especialização em ESG, além de cursos em 'gestão de diversidade para a cultura da Inovação' (pela Fundação João Goulart) e minicurso 'Conversas para adiar o fim do mundo: saberes indígenas e futuros possíveis', com curadoria do Ailton Krenak (oferecido pela FGV Arte). CV LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6893288245641927> E-mail: barbarareis@edu.unirio.br E-mail alternativo: barbara2beserra@gmail.com

INTRODUÇÃO

Antes de buscar a sociedade como está agora foi necessário entender o processo pela qual ela chegou até os dias de hoje. Dito isso, a primeira leitura feita foi *Conversações*, de Gilles Deleuze, e, dentro do primeiro capítulo, *Post-Scriptum: Sobre a Sociedade de Controle*, podemos ter uma compreensão sobre a temática dos modelos de sociedade, sejam elas disciplinares ou de controle. A primeira coisa que se deve compreender é a forma como a sociedade disciplinar é descrita, sendo, primeiramente, pontuada por Foucault como algo setorizado dentro de meios sociais e etapas pelas quais a pessoa passa em determinados momentos de sua vida.

Em seu primeiro núcleo de convivência e de influência social sendo a família, quem dá a base ideológica e os primeiros formatos de como se comportar dentro de uma sociedade, após isso vem a escola, sendo uma forma contida de contato externo, mas ainda assim modelador de formato de sociedade, e, por último, o trabalho ou a prisão e outras diversas formas externas de socialização, quando você precisa lidar com o mundo externo e sua convenção social. Deleuze pontua que este modelo dá à sociedade uma certa soberania, determinando hierarquias e criando padrões a serem seguidos. Deleuze também pontua como todos estes modelos, todas estas etapas, seja a família, a escola, o trabalho ou uma prisão (um dos destinos finais dentro deste modelo de sociedade), são modelos fadados ao fracasso que precisam ser modificados. Esse modelo é solidificado, sem ter outras opções, causando uma sensação de opressão para a sociedade, de forma geral. E assim surge a sociedade do controle.

Na sociedade do controle, diferente da sociedade disciplinar, há uma falsa ideia de liberdade que é dada à sociedade, flexibilizando determinados setores, dando a opção de escolha além de um regime único para ser seguido. A falsa ideia de liberdade traz mais conforto para a população e gera menos revoltas. O termo 'sociedade do controle' foi dado por Burroughs, que transforma o olhar da sociedade não mais disciplinada, mas sim alienada. Neste modelo, o indivíduo cria objetivos próprios e recompensas que saciam, mesmo que brevemente, algum desejo que pode ter dentro de si. Essa sociedade evita e contém questionamentos.

Além disso, os conflitos são feitos dentro da própria população, uns contra os outros, desviando o olhar dos reais problemas a serem resolvidos e condicionando o olhar pelo qual a população deve interpretar cada situação. Toda essa alienação é feita de forma passiva, às vezes sutil, às vezes não, mas contida dentro do dia a dia desta sociedade, na forma de propagandas, programas de televisão, produtos comercializados, impulsionamento de ideologia capitalista e de uma sociedade de consumo. Nesse modelo de sociedade, o marketing virou o instrumento de controle social, um controle de curto prazo, mas que possui manutenção diária. Um modelo de sociedade que mantém a hierarquia social e diminui as possibilidades de revolta.

1. Análise Empírica I: O fenômeno das casas de apostas digitais ('BETS') no Cenário Brasileiro

Na sociedade atual, contemporânea, podemos pontuar, como exemplo prático dessa dinâmica, a crise econômica brasileira com os influenciadores digitais e as casas de apostas de aplicativos em smartphones. Em plena Copa do Mundo, o canal de YouTube mais assistido no Brasil, a Cazé TV, que traz de forma gratuita todos os jogos da copa, em parceria com influencers populares da internet, como o humorista Diogo Defante e a jornalista Fernanda Gentil, alternam entretenimento com propagandas (de forma excessiva) das chamadas 'BETS' (casa de apostas em formato de aplicativo focado em esportes) durante as partidas de jogos. O bombardeio de QR Codes na tela e comentaristas fazendo análises de apostas ao vivo levantam um questionamento: "quando o programa é gratuito o que (ou quem) é o produto?". Nesse sistema, a Cazé TV não está vendendo o jogo e sim os olhos de quem está assistindo.

Mas como as 'BETS' podem agravar a crise econômica no Brasil? Em uma reportagem da CNN feita em 2024, há um levantamento de que o Brasil tem um prejuízo de R\$24 bilhões por ano por conta de apostas, e este valor está crescendo exponencialmente. Analisando isso, podemos perceber como o poder do marketing pode influenciar as pessoas e como as novas tecnologias podem aumentar a impulsividade não só na questão de compras digitais, mas também no setor de apostas. As novas tecnologias facilitam o acesso à informação e ao entretenimento, mas também possibilitam uma maior exposição a propagandas e a induções diretas para compras e para o consumo ideológico também.

Um artigo da BBC escrito por André Biernath em 2024 descreve os riscos do vício do jogo de apostas online e os efeitos dele para o cérebro. Um dos diferenciais entre uma casa de apostas tradicional e o aplicativo é a facilidade de acesso. O aplicativo está disponível dentro de um aparelho que se torna quase que íntimo na rotina do usuário, liberando pequenas doses diárias de dopamina. O aplicativo também coleta dados do usuário e aplica propaganda em outras plataformas, como redes sociais, no intuito de prender a atenção e criar cada vez mais estímulos.

A Cazé TV, que soma mais de 36 milhões de inscritos no Youtube (dados de Junho de 2026), possui grande influência dentro da internet e é apenas uma das engrenagens que somam um modelo de sociedade de controle, de condicionamento, de alienação. Seja no modelo de sociedade disciplinar, onde tem um confinamento, ou seja no modelo de sociedade do controle, em ambos os casos há uma sociedade reprimida de formas diferentes, seja por condutas sociais pré-estabelecidas ou por uma falsa ideia de liberdade apresentada.

2. O capitalismo de Vigilância e a infraestrutura do Big Other

Essa transição para o ambiente digital e o uso de nossos dados nos leva diretamente ao conceito do capitalismo de vigilância, conforme o que foi desenvolvido por Shoshana Zuboff. Ele tem, por sua definição, a criação de um poder que reivindica domínio sob uma sociedade e desenvolve desafios para a democracia de mercado, impondo uma nova ordem coletiva e uma exploração

dos direitos humanos, destituindo o direito do indivíduo, subordinando-o a uma nova formatação global comportamental. Ou seja, o ser humano e a sociedade passam a ser a matéria-prima e o produto, onde empresas compram informações que, teoricamente, deveriam ser privadas, para utilizarem essas informações com finalidade comercial, política ou de influenciar de certo modo, até mesmo moldar certos comportamentos.

Este conceito se diferencia das formas tradicionais pois, na forma tradicional, o indivíduo trabalha para consumir. Este indivíduo troca sua mão de obra por capital e este capital é trocado por um produto ou por um serviço, em um formato cíclico. Já no capitalismo de vigilância, as empresas obtêm lucro por meio de coleta de informações, obtenção de dados pessoais via plataformas digitais, e seu principal produto são dados e informações comportamentais dos seres humanos. Plataformas que são fornecidas de forma gratuita para o usuário coletam esses dados e utilizam ou vendem para terceiros, com o intuito de influenciar comportamentos, sejam no fator de ideais ou de consumo. É aí que nasce a essência do capitalismo de vigilância, onde o poder de controle acaba se centralizando na mão das big techs.

Com o poder centralizado na mão das big techs nasce o conceito chamado de *Big Others*, demonstrando um novo formato de poder que surgiu com a sociedade contemporânea e suas novas tecnologias. O conceito de *Big Others* resume a ideia central do efeito que é este poder centralizado na mão dos poucos que possuem o controle desta tecnologia e como este poder pode ser armazenado e também pode influenciar o comportamento não só de um indivíduo, mas de toda uma comunidade. Conforme analisado no livro *A era do Capitalismo de Vigilância*, Zuboff afirma que o *Big Other* não é apenas um mecanismo de vigilância, mas também uma infraestrutura de um poder invisível, presente no cotidiano das pessoas em seus dispositivos de comunicação e tecnologias ligadas à internet. O *Big Other* não apenas observa, mas também armazena os dados produzidos e procura obter lucro com os mesmos.

Diferente de Zuboff, Foucault utiliza do recurso panóptico para explicar o modelo de poder disciplinar citado anteriormente, acreditando que existe um poder central que observa a todos os indivíduos. Neste modelo, ele afirma que as pessoas sabem que estão sendo observadas e, desta forma, controlam os próprios comportamentos para se manterem dentro de um padrão social. Dentro desta ótica, o objetivo é a disciplina e o controle social.

3. A dualidade tecnológica: Valor de uso versus extração de valor

Por um lado as novas tecnologias trazem valor de uso e potencial libertário, com comunicação ampliada (comunicação instantânea, quebra de barreiras geográficas e a manutenção de laços sociais e familiares - mesmo que a distância). Também é uma ferramenta para organização e luta, como forma de organização política e social, dando voz a grupos marginalizados e minorias, e articulando movimentos de resistência. Além de trazer acesso democrático à informação e produção cultural.

Do outro é um mecanismo de extração de valor. Trabalho não pago: a gratuidade das plataformas é uma ilusão. O preço real é o seu tempo e os seus dados. Sua atividade (curtir, comentar, scrollar) é trabalho informacional não pago.

Se formos compreender o capitalismo de vigilância dentro de uma sociedade de controle é interessante pontuar o livro *O capital*, de Karl Marx, e como podemos transformar a ótica do Big Other em uma nova perspectiva de mais-valia, onde as bigtechs desenvolvem uma estrutura tecnológica capaz de maximizar o tempo de engajamento em tela (no celular na utilização das redes sociais e de jogos ou vídeos) aumentando uma jornada de trabalho que, por sua vez, esta não é remunerada diretamente, e sim por esta troca de entretenimento gratuito por informações. O algoritmo funciona como um gerente automatizado, filtrando e customizando conteúdo para manter o usuário envolvido, evitando o ‘tempo ocioso’. A natureza técnica do algoritmo esconde a exploração, fazendo o usuário acreditar que está apenas se divertindo, enquanto o algoritmo extrai valor do seu tempo, mascarando as relações sociais de produção.

4. A sociedade em rede e a reestruturação neoliberal

Para entender como essa estrutura tecnológica e de dados se consolidou, é preciso analisar o conceito de sociedade em rede, de Manuel Castells. Para isso, deve-se compreender, primeiramente, os fatores históricos das últimas décadas do século XX, pontuando tanto a revolução industrial quanto a guerra fria. No livro de Castells, *A Sociedade em Rede*, mostra-se como o movimento dos trabalhadores foi um divisor de águas para o desenvolvimento de um novo formato de comunicação que falava tanto numa linguagem universal digital quanto desenvolvia o gosto e a identidade dos indivíduos.

A revolução das tecnologias da informação modificou profundamente a economia, a política, a cultura e as relações sociais. Esta revolução, que foi gerada pela criação das novas telecomunicações, computadores e a internet, não trouxe apenas novas ferramentas para o uso do cotidiano, mas também modificou a forma comportamental da sociedade como um todo, em uma escala global. A globalização traz uma facilidade de interação a longa distância, um avanço tecnológico e um crescimento na produtividade, mas traz muitos agravantes que podem ser irreversíveis.

Este modelo de sociedade tecnológica fomenta o neoliberalismo, reestruturando a economia e a política do capitalismo. O mundo está mais acelerado. As informações estão mais aceleradas. A sociedade é movida por estar o tempo todo conectada e informada. Há um novo modelo de vida no qual o desenvolvimento é baseado na informação e no conhecimento, e a sociedade em rede é a forma social que emerge da interação entre estes dois processos.

5. Análise Empírica II: A sociedade do cansaço e a ‘pejotização’ do trabalho

Conectando o livro de Castells com *A Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han, chegamos ao termo de ‘empreendedores de si mesmos’, que complementa muito o que Castells diz e explica como o neoliberalismo funciona dentro de uma sociedade em rede. Este novo formato de sociedade, com novos formatos de economia e de trabalho, incentiva trabalhos informais e a aceleração contínua, além da exaustão em busca da autonomia. Uma estrutura de autoexploração que substitui a exploração tradicional e retira a responsabilidade social da falha de uma estrutura e passa essa falha para o indivíduo. Há um enfraquecimento do bem-estar social e um aumento da desigualdade econômico-social.

Um exemplo disso é a ‘Pejotização’ da mão de obra. Pessoas sendo contratadas como prestadores de serviços, mas possuindo rotinas e cargas horárias de contratação de carteira assinada. Mesmas responsabilidades, mas com menos direitos trabalhistas. A falsa ideia de uma flexibilização e de um salário melhor, de uma autonomia, mas com muito mais trabalho e mais insegurança. Vemos diversos relatos diariamente na plataforma social focada para trabalho, chamada LinkedIn, sobre o sucateamento de trabalho em diversos setores e o descaso na hora tanto da contratação quanto da demissão. Com o avanço da ferramenta de Inteligência Artificial, o trabalho ficou mais acelerado, mais técnico, menos pensante, mais dispensável. Menos texto, mais *clickbait* (frase de efeito, muitas vezes utilizada como título de notícias/reportagens, com intuito de gerar ‘clique’).

Em um artigo da UOL Economia de Maio de 2026 expressa como o STF (Supremo Tribunal Federal) está lidando com a alta demanda de processos por reconhecimento de vínculo trabalhista pelos trabalhadores contratados, inicialmente, como PJ (pessoa jurídica) mas que tiveram as mesmas demandas de um contratado de vínculo tradicional (carteira assinada com vínculo empregatício exclusivo). A reportagem aponta que, atualmente, cerca de 6,6 milhões de trabalhadores atuam como PJ no Brasil e, dentro destes trabalhadores, cerca de 56,3% ganham até R\$2.000,00 mensais.

Se juntarmos a dualidade de uma sociedade cansada, desesperada pela sobrevivência, tendo pouca recompensa monetária pelos seus esforços dentro do mercado de trabalho, juntamente com o excesso de propagandas e de informações diárias, a falsa ideia de uma vida melhor de de ‘grana fácil’ que a internet e a rede social expõe diariamente, principalmente pelos influenciadores digitais que são parceiros de casas de apostas, chegamos ao resultado do crescente controle do capitalismo e da desigualdade social, além dos danos psicossociais que possam ser irreversíveis se não há um controle governamental, por meio de legislações e fiscalização constante. As novas tecnologias são só ‘a ponta do iceberg’ para um problema estrutural muito maior.

Han, em *A Sociedade do Cansaço*, sugere o desaceleramento, o observar o mundo fora das telas, o amadurecer ideias, o não acúmulo infinito de tarefas. A reivindicação do tédio. A sociedade em redes é uma realidade sem volta, mas talvez possamos tocar o mundo fora do digital e olhar o impacto que esta realidade nos causa. Experiências reais, vivências reais, memórias reais não podem ser substituídas por algo condicionado e artificial. Este pode ser o início para a

libertação da sociedade do controle e, finalmente, a reinvenção de um novo formato de sociedade.

6. Bibliografia

BIERNATH, André. **Transtorno do jogo: o que acontece no cérebro de pessoas viciadas em bets**. BBC News Brasil, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cq52lg1g898o>

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. *In*: DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DURAN, Pedro. **Brasileiros perdem R\$ 24 bilhões em apostas online por ano, projeta Itaú**. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-duran/economia/macroeconomia/brasileiros-perdem-r-24-bilhoes-em-apostas-online-por-ano-projeta-itaui/>.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Edipro, 2019.

SOBRINHO, Wanderley Preite. **Impasse no STF sobre pejetização paralisa mais de 74 mil processos no país**. UOL Economia, São Paulo, 29 maio 2026. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2026/05/29/governo-lula-pressiona-stf-a-acabar-com-contratacao-de-pj-como-terceirizado.ghm>

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.